

CONSTRUINDO LEGITIMIDADE? AGROECOLOGIA DENTRO E FORA DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST)

Constructing legitimacy? Agroecology within and beyond the Brazilian Landless Workers' Movement (MST)

RESENHA DO LIVRO

Constructing legitimacy? Agroecology within and beyond the Brazilian Landless Workers' Movement (MST), por Claire Lagier, University Library of Ludwig-Maximilians-Universität München, 2020, 296p. ISBN: 978-3-95925-152-5. Acesso livre <https://doi.org/10.5282/oph.8>

Ricardo S Borsatto¹

¹ Docente no Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural da Universidade Federal de São Carlos, Araras, Brasil. Orcid 0000-0002-7594-479X, ricardo.borsatto@ufscar.br

Movimentos sociais reunidos na La Via Campesina abraçam a Agroecologia como um pilar de suas lutas, entre eles, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que começou a considerar a Agroecologia como importante estratégia para o desenvolvimento de seus assentamentos em meados da década de 1990. Apesar das experiências de produção agroecológica dentro de assentamentos rurais ligados ao MST terem se multiplicado e espalhado por diferentes regiões do país nas últimas décadas, o Movimento ainda não logrou que os princípios agroecológicos sejam a diretriz técnica da maioria de seus assentados. Não obstante a falta de dados, é possível inferir que o modelo convencional de produção, baseado na dependência de insumos industriais, ainda é dominante em grande parte dos assentamentos rurais liderados pelo MST.

O livro *Constructing legitimacy? Agroecology within and beyond the Brazilian Landless Workers' Movement (MST)* investiga esta contradição, "...buscando entender porque certas diretrizes promovidas por movimentos sociais, e supostamente elaboradas no melhor interesse de seus membros, fracassam ou têm sucesso quando implementadas em campo" (p. 18, tradução livre). Este livro é resultado da pesquisa de doutorado da Dra. Claire Lagier, realizada na Ludwig-Maximilian University, Alemanha, que por meio de pesquisa etnográfica, almejou compreender "como a Agroecologia passa a ser, (prática e eticamente)

abraçada e contestada dentro Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)” (p. 17, tradução livre). A Dra. Lagier nos leva a conhecer as dinâmicas sociais de um assentamento do MST reconhecido por sua produção agroecológica e onde está sediada uma escola de formação em Agroecologia.

Convivendo e interagindo neste ambiente específico, a Dra. Lagier buscou respostas para três perguntas de pesquisa: 1) Por que os assentados adotam ou rejeitam o ethos e a missão agroecológica do MST? 2) Em que medida a educação agroecológica promovida pelo MST cria condições para que os jovens ativistas identifiquem a Agroecologia como projeto político e convençam outros a aderir a ele? 3) Como a legitimidade da Agroecologia tem sido construída dentro do MST?

A obra *Constructing legitimacy?* está organizada em quatro partes. Na primeira seção, *Setting the stage*, a Dra. Lagier nos conquista para uma leitura atenta de seu livro. Ela mistura uma narrativa etnográfica de situações experienciadas por ela durante sua pesquisa de campo com argumentações baseadas na literatura, fazendo com que o leitor entre no mundo de sua pesquisa. Logo no começo, o leitor percebe que a principal qualidade do livro é a capacidade que a Dra. Lagier tem de apresentar assuntos complexos e acadêmicos de forma agradável e interessante. A Dra. Lagier invoca o conceito de legitimidade para abordar seu problema de pesquisa. Segundo ela, a legitimidade “diz respeito às formas como os conhecimentos e tecnologias relevantes para a agricultura são produzidos, distribuídos e tornados confiáveis [...], e como as políticas, instituições públicas e mercados influenciam a viabilidade econômica e política de novos modelos, bem como a mídia e o meio social influenciam as percepções e práticas dos agricultores, agrônomos e consumidores” (p. 35, tradução livre).

Na segunda seção, *Living agroecologically?*, a autora nos apresenta o assentamento onde a pesquisa etnográfica foi realizada. A convivência com os assentados fez a autora rapidamente perceber que muitas das premissas assumidas por ela em relação à Agroecologia no MST estavam equivocadas. Longe de ser um consenso entre os agricultores associados ao MST, a defesa da Agroecologia é a causa de muitos conflitos internos. Este fato não é novidade para

pesquisadores brasileiros dedicados ao tema, pois muitas dissertações e teses já se debruçaram sobre a relação Agroecologia e MST, apontando para certa dificuldade da pesquisadora em se apropriar da literatura em língua portuguesa sobre o tema.

A análise micro sociológica conduzida pela Dra. Lagier desvela os conflitos que se estabelecem entre os assentados ao redor da Agroecologia, apontando para uma “ruptura social” que se estabelece entre agricultores que apoiam a Agroecologia e agricultores que utilizam métodos convencionais. De acordo com a autora, muitas das causas para esta “ruptura social” são externas ao MST, entretanto, ela alerta que “relações específicas dentro do MST podem, às vezes, ser um obstáculo para a construção da legitimidade agroecológica e para a possibilidade dos assentados utilizarem métodos agroecológicos em sua produção” (p. 98, tradução livre).

Na terceira seção, *Learning agroecology*, o foco analítico se move dos agricultores para os estudantes do curso de Bacharelado em Agroecologia oferecido no assentamento. Este curso, apoiado pelo Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera), é acreditado por uma universidade pública, ficando o MST responsável por oferecer parte das disciplinas e a infraestrutura básica. Estudando o caso do Bacharelado em Agroecologia e considerando as discussões sobre a territorialização da Agroecologia, a Dra Lagier inova ao buscar suscitar os desafios de escalar a Agroecologia dentro de movimentos sociais (*scale-in*), definido em suas palavras como: “as formas como os movimentos usam a educação para conquistar o apoio e a participação de jovens militantes para a Agroecologia, [...], e, assim, criar condições para que jovens ativistas cultivem novas subjetividades ecológicas e visões de mundo” (p. 146, tradução livre).

A autora aponta para as contradições da formação em Agroecologia proporcionada pelo MST. Se por um lado, o Bacharelado em Agroecologia transforma a concepção dos estudantes sobre Agroecologia ao agregar questionamentos políticos e éticos ao campo da Agroecologia. Por outro lado, uma variedade de problemas metodológicos e relacionados com as dinâmicas e hierarquias do MST minam a capacidade dos “estudantes de construir

legitimidade para a Agroecologia e se sentirem legítimos como militantes agroecológicos.”
(p. 238, tradução livre).

Na Part IV, *Conclusion*, as respostas oferecidas pela pesquisa etnográfica apontam que o processo de escalar (*scale-in*) a Agroecologia dentro do MST é marcado por um movimento dialético. Por exemplo, a organização hierárquica do MST é responsável tanto por fomentar e legitimar a adoção de práticas agroecológicas entre os assentados quanto por criar resistências e rejeições ao avanço da Agroecologia. Um processo similar ocorre na formação em Agroecologia, que, por um lado, cria condições para que jovens ativistas se identifiquem com a Agroecologia como projeto político e, por outro lado, possui certas práticas organizacionais que prejudicam a capacidade de convencerem os outros a fazê-lo.

A grande contribuição do livro é evidenciar as contradições e tensões que um movimento de massa e contra-hegemônico, como o MST, enfrenta ao promover a Agroecologia. Longe de ser linear e simples, o avanço da Agroecologia dentro de MST é um movimento complexo e dialético que deve ser compreendido a partir de uma perspectiva crítica. Nesse sentido, o livro *Constructing legitimacy?* traz interessantes contribuições ao apresentar uma análise profunda e multinível que aborda diferentes dimensões de um objeto social e etnográfico complexo como o MST. Entretanto, a abordagem microsocial utilizada na pesquisa evidência somente parte de um quadro maior. A história agrária brasileira é marcada pelo apoio ao grande latifúndio, à produção de commodities para exportação, à superexploração dos trabalhadores rurais e ao bloqueio violento de qualquer forma de agricultura que rompa com esses padrões. É nesse espaço social que o MST surgiu e está inserido. A luta por reforma agrária no Brasil exige um movimento de massa muito bem-organizado. A aparente contradição entre, por um lado, a necessidade de um movimento social de massa hierarquicamente bem-organizado para lutar por reforma agrária e, por outro lado, a demanda de uma organização interna mais permeável e flexível para promover a Agroecologia, mais organizacionalmente parecida com movimentos ambientalistas, é um assunto que não é aprofundado no livro e que precisa ser mais cuidadosamente analisado.